S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 13 de fevereiro de 1915 — ANNO XIV — N. 274

Publica-se aos sabbados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

CONSEQUENCIAS DA GUERRA DAS NAÇÕES

Considerada em geral, a guerra actual só pode ter para o Livre Pensamento consequencias funestas, cuja importancia, contudo, cumpre não exagerar. Vejamos essas consequencias:

No ponto de vista politico: Um conflito armado tem sempre como consequencia ulterior o fortalecimento do militarismo nos paizes em luta. Este fortalecimento pode ser mais ou menos acentuado. Segundo as circunstancias e os povos, pode ser mais ou menos imediato. Mas segue sempre de perto o fim das hostilidades. Do lado da vitoria, para manter a força nacional em estado de defender as vantagens recentemente alcançadas pelo triunfo das armas. Do lado da derrota, afim de preparar as energias da patria mutilada e humilhada — mas não resignada — para tirar uma retumbante desforra quanto antes. Ora isso é outro tanto terreno perdido para a liberdade, tal como nós a entendemos. Porque é manifesto que os cidadãos dum Estado em que reina o militarismo são muito menos livres que os daqueles em que ele não reina, tanto por terem encargos mais pesados, como por lhes serem marcados limites mais estreitos á manifestação do pensamento nos varios ramos.

No ponto de vista social: Lembremo-nos de que os vazios devidos ao chumbo inimigo deixam nas familias, além da dor, uma raiva surda e exasperada contra a mão que os produziu. O odio, essa perfida vibora, enlaça os corações doloridos, inocula-lhes a sua peçonha. Transforma individuos bons, brandos e generosos em patrioteiros endurecidos, sem piedade pelos sofrimentos dum homem cujo unico erro seja pertencer a uma nação inimiga. E', pois, uma consequencia directa da guerra o cavar entre os adversarios um fosso para sempre intransponivel. Daí, em ambos os campos, um patriotismo estreito, intransigente tapado, traduzindo-se na vida diaria por uma revoltante intolerancia. E que significa a intolerancia senão restricções arbitrarias feitas á liberdade de pensamento dos outros?

No ponto de vista religioso: Forçoso é reconhecer que a guerra actual marcará um progresso da religiosidade na massa. Disso derivará naturalmente um acrescimo do poder clerical. Ante a imensidade da catastrofe, o espirito transtornado volta-se instintivamente para um deus que possa dominar a luta titanica. Perante a impotencia das forças humanas para assegurar o triunfo do direito, e num impulso e pontaneo cuja explicação se deve buscar na hereditariedade atavica, o homem surpreende-se a invocar com toda a sua alma, com todo o seu coração, o Todo-Poderoso, tão bom, tão justo, do mesmo modo que as crianças amedrontadas chamam a fada bemfazeja, tão linda e tão generosa.

Ao pensar nos perigos que seres adorados correm no campo de batalha, sufoca-nos, estrangula-nos uma angustia. O nosso desejo seria fazer qualquer coisa em favor deles, ajuda-los, protege-los; e o nosso cerebro desvairado nada encontra. Nada, afora curvar os joelhos. E os nossos labios vacilantes murmuram a prece gaguejada na infancia. Pobres loucos! Se esse Deus existisse e quizesse evitar ao solo a mancha do sangue humano e á mulher o ultraje das lagrimas, não poderia ter impedido a guerra?

Em volta de nós, estende-se neste momento a vaga de misticismo, poderosamente favorecida pelos soberanos e pelos padres. Vêde os primeiros dirigirem a Deus invocações publicas e por assim dizer oficiais; vêde cada um deles afirmar ao seu exercito que Deus está com ele e só com ele. E' para lhe dar mais coragem para matar, incendiar, destruir. Vêde, por outro lado, os padres dos paizes beligerantes desfraldarem os seus estandartes amarfanhados, sacudindo-lhes o pó e pondo-os a flutuar ao vento tempestuoso com alegria e orgulho.

Vêde-os organizarem preces, missas, *te-deums, requiems.* Sob a influencia da solidão moral criada pelo caos actual, sente-se cada um tomado dum invencivel desejo de crer num Juiz supremo, muito benigno, muito forte, digno de ser adorado de joelhos. Fascinado, o homem deixa a terra banhada de sangue, libra-se com as asas da imaginação no dominio do misticismo. E' esse precisamente o alvo da enscenação e aparato levados a cabo pelos padres.

Quantas defecções não veremos nós em nossas fileiras! São aliás compreensiveis e desculpaveis nestes instantes de revolvimento social e de insulamento moral dos individuos.

Maleaveis e activos, os clericais insinuam-se em todas as camadas da sociedade, neste momento em que a situação tudo nivela. E' incontestavel que no fim da guerra se hão de ver consideravelmente mais fortes. Mas este pensamento só deve aumentar e nós a energia necessaria para combater. Eles julgam-se donos da situação e pensam decerto em reconquistar, onde as perderam, as vantagens que até aqui lhes arrancou o Livre Pensamento. Mas, no montão de ruinas que nos rodeia, erguem-se, aqui e ali, factos que falam uma linguagem eloquente, dizendo-nos que, apesar de tudo, o Livre Pensamento há de conservar mais ou menos as suas posições. Como uma chama batida pelo vento, ele vacila; mas não se extinguirá, jamais se extinguirá.

Salonica, 23 de novembro de 1914.

Alberto E. Carasso.

OS PADRES NOS EXERCITOS

Tinham os romanos padres chamados augures, que acompanhavam os exercitos, mandando levar adiante deles a gaiola dos frangos sagrados. Antes de travar batalha, davam de comer áquelas volateis. Se os bichos faziam cerimonia diante da comida, era mau sinal e evitava-se o combate. Se, pelo contrario, eles se atiravam avidamente a ela, era um feliz pressagio e dava-se batalha.

Hoje em dia, padres catolicos belgas, franceses, alemães, austriacos, postados em frente dum calice, engolem em presença das tropas uma obreia que declaram ser homem e deus, reclamando a vitoria uns contra os outros. E' antropofagia e teofagia.

Prefiro os frangos da antiguidade, tanto mais que — não é assim? — em caso de escassez de subsistencias, poderiam os soldados come-los.

Os augures, exclamava Cicero ironico, com desdem pela superstição popular, não podem certamente entreolhar-se sem rir. Se o grande orador romano fosse vivo, que diria ele hoje dos capelães militares?

N. Simon.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Deus, instrumento de opressão

Todos os reis e imperadores das monarquias empenhadas na actual guerra invocaram a protecção do Todo-Poderoso nas suas proclamações ao exercito e ao povo. Mas isso não significa que esses monarcas, pessoalmente, acreditem na divindade e na eficacia da sua ajuda.

O regio amigo de Voltaire, Frederico II da Prussia, era ateu, mas isso não o impedia de invocar solenemente a protecção divina para os seus exercitos.

Bonaparte, que se declarara inimigo de Deus e da Igreja, que fôra amigo de Robespierre, enviava em 1803 aos mitrados franceses a seguinte circular: "Escrevo-vos esta carta para vos dizer que desejo façais preces afim de atrair a benção do céu para as nossas empresas".

E foi obedecido á risca. O arcebispo de Paris dizia na sua pastoral: "O conquistador da Europa não dissimula a si mesmo que a sorte das armas é de dia em dia e que o unico meio de lhe fixar a incerteza é interessar pela sua causa o Deus dos combates!"

O mesmo Napoleão Bonaparte, quando invadiu o Egipto, dirigiu aos egipcios profissões de fé muçulmana e foi orar nas mesquitas! Hipocrisia e banditismo.

Citamos apenas dois exemplos celebres, mas essa hipocrisia é a regra. Não só entre os reis, mas entre os padres. Papas, bispos, frades, jesuitas, curas scepticos ou francamente ateus teem existido aos milhares, sem abjurar, muitas vezes trabalhando até com o maior ardor para a grandeza da Igreja ou da Ordem.

Para os reis como para os padres, a religião é em geral, não um artigo de fé, mas um artigo de venda e uma excelente arma de tirania. Um freio, como eles proprios declaram cinicamente.

O SEMEADOR

Na pequena sala de redacção do semanario de propaganda, saboreavamos com delicia uma palestra amiga entre camaradas, quando de subito entrou um rapagão com uma caixa afivelada ás costas.

Saudou jovialmente os presentes, desafivelou a caixa e, depondo-a no chão, sentou-se nela a limpar o suor.

Enquanto esperavamos que falasse, examinamo-lo silenciosamente. Era um moço alto e espadaúdo, de buço negro sobre a pele morena e tostada e uns olhos vivos e crepitantes como vinho espumoso. Vestia um traje aldeão, temperado por alguns retoques ou reminiscencias da cidade.

Por fim, com um sorriso, muito á vontade, o visitante disse-nos o seu nome.

O administrador do jornal conhecia-o perfeitamente, como um militante infatigavel, que lhe escrevia muito amiude, ora duma localidade, ora de outra, e fazia um consumo endiabrado de folhetos. Por onde ele passasse, pululavam os assinantes para o periodico. Se não era caixeiro viajante, havia de ser o judeu errante com certeza...

— O judeu errante da propaganda, disse o mocetão da caixa, alargando contente o seu bom sorriso.

E como nas nossas caras se expandia com franqueza a avidez da curiosidade, pôs-se a narrar a largos traços a sua vida ambulante.

Na cidade, era mecanico e ganhava já um bom salario. Mas, amigo de ler e de saber, frequentador assiduo de conferencias, todo ouvidos para as discussões travadas na séde do sindicato, em breve o inflamára este nosso brilhante ideal de emancipação humana. E logo o queimara uma sêde insaciavel de proselitismo, logo o preocupara o grande problema da propaganda rural, da sementeira fora dos centros industriais — por esses vastos campos incultos da provincia, inquietantes e cheios de misterio. Poderá ir longe qualquer tentativa do operariado citadino, solitario e hostilizado? Porque não imitar o belo exemplo dos revolucionarios russos, que vão viver e trabalhar entre os camponeses?

Jovem e robusto, sem compromissos de familia, um belo dia o nosso mocetão abalou por essas terras fora. Munira-se de objectos uteis e baratos, que ia vendendo com lucros minimos. Aprendera os rudimentos de variados misteres e era nos campos um obreiro serviçal e enciclopedico. Nos casebres rusticos, não havia movel ou utensilio, de ferro ou de madeira, que ele não soubesse concertar ou mesmo fabricar. Arranjava até o rude calçado, á falta de remendão, e não era raro veremno contribuir com seu engenhoso esforço para a reparação ou construção de casas...

Depois, com pouco se contentava. Comer e dormir, era como calhava, umas vezes melhor, outras vezes pior; umas vezes a trôco de alguns vintêns outras vezes em paga de trabalho. No tempo do calor, não se lhe dava de dormir ao relento, nas eiras ou sob as medas. Morrer, não morria. Enfim: ia vivendo — e com saudinha...

Daquele modo, conquistava rapidamente os corações e a confiança da gente das aldeias e pequenos burgos, que escutava com atenção as suas palestras e leituras, aceitava de boamente as suas brochuras e jornais, seguia pensativamente as claras e luminosas visões de um futuro de mais liberdade e de mais bem-estar.

Fixavamos comovidos o bom semeador, decorando-lhe as formas e feições, como se procurassemos ver a corporização daquela paixão nobilissima e daquele heroismo vivificante.

— Já levo cinco anos nesta vida, concluiu ele singelamente. Um dia lá ficarei preso em alguma parte...

Supusemos que se referisse a coleras e vinganças da autoridade. Não; tinhamos entendido mal: tratava-se dos laços do amor. Ocasiões e tentações, não lhe tinham faltado; e não era por se gabar, mas de muitas sabia ele que não lhe diriam que não... Mas, com franqueza, a resolução não lhe parecia das mais faceis de tomar, como não achava facil encontrar mulher que lhe servisse. Terrivel problema...

Houve sorrisos.

E como o valente rapaz se dispusesse a partir, tendo já feito a sua provisão de papel impresso, quizemos acompanhalo até fora da cidade.

Despedimo-nos naquele ponto em que a estrada, girando sobre as ultimas casas, se lança numa recta magnifica, a perder de vista, ladeada de terras de lavoira. Nos campos, homens e mulheres trabalhavam nas sementeiras.

O nosso amigo disse-nos adeus com um riso franco apertando-nos a mão com energia, e empreendeu alegremente a marcha; os seus sapatorros batiam o solo rijamente, com acompanhamento de bordão ferrado.

Ficamos ali até que o seu vulto escuro se perdeu no horizonte. A estrada branca, interminavel, faiscava ao sol. Dos campos, vinham vozes de trabalho. E, ao longe, o vulto negro, bamboleando o braço, parecia fazer o gesto bem-dito do semeador.

(Lisboa).

Neno Vasco.

A propaganda clerical em França

Os clericais franceses distribuem profusamente pelos soldados, entre outras coisas, um "cantico-prece do soldado francez durante a guerra", cujo estribilho diz o seguinte:

> O' tú, Rainha de França,
> vela por nossos soldados,
> mantém-lhes o coração na bravura
> e ampara-os nos combates.

A rainha de França vem a ser a mãe de Jesus.

Uma nota que acompanha esta oração por musica recomenda que se dê o papel aos soldados conhecidos ou encontrados nos comboios e nas ambulancias, etc., que o juntem ás remessas, feitas aos soldados, de roupas, cartas, etc. Quando os soldados vão á missa, é lhes ali distribuido.

E os soldados vão á missa, não por convicção muitas vezes, mas para fugir aos serviços pesados do acampamento, para obter as simpatias e os favores das enfermeiras e dos chefes, para conseguir dispensas e licenças de convalescente, para papar guloseimas...

Um prefeito, de visita a um hospital, parou diante dum marroquino e, indicando uma medalha religiosa pregada na camisa do escuro soldado, perguntou lhe:

— Que tens tu aí?

— Isto, bom café.

O finorio tinha notado que as enfermeiras serviam bom café a quem aceitava as suas medalhas e bentinhos.

A propaganda contraria, essa não pode ser feita, porque... prejudica a "concordia nacional"!

DEUS RESPONDE...

A clerical *Revue Pratique d'Apologétique* escrevia o seguinte:

"A guerra actual é um castigo? No fundo só Deus o sabe, e só uma revelação directamente emanada dele nos faria saber isso com certeza."

Querem ver que se prepara alguma aparição milagrosa? Qualquer dia aparecerá uma Bernadete qualquer a proclamar que lhe apareceu a Virgem ou qualquer outra personalidade importante da côrte celestial e a gritar que é preciso levantar um grande templo, fazer peregrinações e dar muitas esmolas...

Decerto por temer isso é que *La Bataille Syndicaliste* se antecipou, desafiando Deus para uma controvércia oral, numa das melhores salas de Paris, logo que seja restabelecida a liberdade de reunião e de palavra.

"Visto que Deus é omnipotente, *póde tudo.* Esperamos que haverá por bem, para a circunstancia, aceder aos nossos desejos, descendo do seu reino do Nada para nos dizer se, como parece afirma-lo o autor das linhas acima transcritas, é um castigo a guerra actual. A' tribuna, cidadão Deus!"

Três dias depois recebia o mesmo jornal a seguinte carta:

"Caros cidadãos:

A *B. S.* chega-me ás mãos algumas vezes e é com interesse que a leio. Com certo assombro, nela acabo de encontrar o convite eventual, aliás cordialissimo, para um comicio na sala Wagram. Ser-me-ia impossivel assistir a ele e sentiria que fizesseis gastos de organização inutilmente.

Não fazeis ideia da vida que levo, das berratas que ouço, das tolices e patifarias praticadas pelos meus servos e ministros. Há momentos em que me sinto tentado a dar a minha demissão e a mandar tudo para o diabo.

Disponho de pouco tempo e por isso tenho que ser breve e resumir. Não acrediteis numa palavra do que vos dizem os imbecis e os mariolas que tomam a liberdade de falar em meu nome, que me atribuem insanias e que acabariam por me tornar desprezivel.

Sagrado nome de mim! Que colecção de parvos e sandeus, cretinos e malandrins, a principiar por Guilherme, o maluco!

Tudo isso é bicharia daninha.

Desculpar-me-eis, não é verdade? Aperto-vos a mão, e poupo-vos as minhas bençãos.

Vosso velho camarada,

Deus.

P. S. — Os acrobatismos dos academicos não teem importancia alguma. Não façais caso disso. Pelo que me diz respeito, assim procedo, e não me dou mal com o procedimento."

Em todo caso, Deus fugiu á discussão, o que nele é já inveterado habito.

A ARTE E A RELIGIÃO

(Opinião de um musico)

Todas as belas-artes tiveram origem na religião, sob a direcção da qual elas crescem e se expandem, para finalmente se emanciparem dela.

De facto vemos que as épocas do espirito humano em que uma ideia religiosa se apossa das almas e se torna uma potencia dominadora são sempre acompanhadas por uma nova e original florescencia da arte.

Este laço estreito entre a arte e a religião verifica-se particularmente na historia da musica, pois esta é certamente a arte que mais directa e profundamente reflecte o sentimento religioso da humanidade. Estão desgraçadamente perdidas para nós as suas mais antigas manifestações, como as que remontam ás épocas florescentes da cultura hebraica e helenica. Só podemos fazer delas uma ideia imperfeita, comparando as emanações *poeticas* do espirito religioso na mesma época, tais como as achamos nos Salmos de David, nas tragedias dum E'squilo e dum Sófocles, nos cantos de Pindaro.

A's revelações musicais das ideias cristãs coube mais feliz sorte. Conhecemos os tesoiros magnificos da Idade-Media romano-catolica, desde as origens do cantochão gregoriano até ás criações inteiramente amadurecidas dum Palestrina, e ainda hoje os admiramos na sua simplicidade arcaica e na sua beleza. Não menos fecundo foi o impulso dado pela Reforma ás energias artisticas, ainda sonolentas, dos povos germanicos; e podemos seguir-lhe os resultados profundos desde os corais de Lutero até ás obras imortais dum João Sebastião Bach. Entretanto, desde essa época, pode-se notar um evidente enfraquecimento das forças religiosas; por mais perfeitas que sejam as obras de arte deixadas pelos mestres do periodo classico, já não são animadas pelo sôpro poderoso e profundo do espirito que penetrava as obras musicais das épocas anteriores. Qualquer tentativa para trazer um renascimento da musica religiosa devia malograr-se, pois faltava a centelha vivificante da inspiração religiosa que só se pode inflamar numa época de expansão religiosa. Como exemplo mais recente e interessante, podemos tomar *Parsival*, de Ricardo Wagner, que, conduzido pela filosofia de Schopenhauer, tentou combinar a ideia cristã de Redenção com as ideias budicas, e cuja influencia moral se fará sentir talvez num futuro distante.

De um modo geral, parece que actualmente se repetem os fenomenos das épocas passadas em que a arte religiosa em declinio foi substituida por uma expansão da arte profana, até

sofrer esta ultima, por sua vez, a lei da decadencia.

Pode-se certamente concluir da dissolução notoria do espirito religioso na musica dos nossos dias, — dissolução igualmente manifesta nas outras artes, na pintura assim como na escultura e na arquitectura, — que *a ideia religiosa do nosso tempo chegou a uma total «improdutividade»*, e que é baldado tentar um renascimento artificial enquanto não agirem duma maneira fecunda novas ideias transcendentes.

Quanto a saber se tais resultados são de esperar num futuro proximo, ou se, na luta para a dominação dos espiritos, a *sciencia* alcançará a vitoria, quem é que o pode predizer?...

M. E. Humperdinck

(Compositor de musica, Berlim).

"ESCOLA NOVA"

Iniciaram-se no dia 25 de janeiro, ás 8 horas da noite, na Escola Nova, sita á rua Alegria, 26, os seus cursos complementares e scientificos

Com a presença de boa concorrencia, entre a qual se notavam professores, e dos alunos das suas aulas diurnas e noturnas, o dr Alegrette, conhecido facultativo convidado para realizar a primeira prelecção, explicou com palavra facil e clara diversas noções gerais de higiene, que servem de preambulo ás succesivas prelecções que realizará sobre a mesma materia

Terminada a prelecção, os alunos cantaram varios hinos escolares.

Este acto inicial da obra de instrucção e educação complementar que a Escola Nova está desenvolvendo causou em todos os presentes a mais excelente impressão

Durante os primeiros dias do corrente mez, o dr Roberto Feijó inicia á os cursos de historia universal e economia social, como tambem realizará prelecções sobre criminologia.

***

Perante regular concorrencia, teve lugar na sua sua séde social a segunda prelecção, que esteve a cargo do prof. Saturnino Barbosa

Com palavra corredia e dicção clara e elegante, o conferencista explicou ao auditorio as duas concepções que existem a proposito da formação da Terra e da aparição dos seus primeiros habitantes.

A prelecção foi uma verdadeira requisitoria contra as religiões, pois o orador analizou detalhadamente a falsidade dos codigos divinos, comparando-os com as verdades materialistas que a sciencia traz constantemente para o campo da experimentação

Menciona conceitos de Confucio, Brahma e Bhuda sobre a formação da Terra, qualificando-os de soberanos sofismas. Atribue a criação de Adão e Eva á imaginação fantantisca de Moisés, autor da genese primitiva.

Explica o processo molecular da materia pela acção evolutiva do tempo infinito e as fases pelas quais ela tem passado até chegar ao estado actual.

Ao falar da idade da Terra qualifica de infantil o que diz a Biblia, que somente lhe concede 6000 anos de existencia, quando as descobertas paleontelogicas feitas em diversas capas geologicas fazem supor ao menos uma duração de 50 milhões de anos

Sem desviar-se das teorias de Lamark, Darwin e Haeckel, o professor Saturnino Barbosa, com evidente conhecimento da materia, faz um consciencioso estudo das condições fisicas, morais e intelectuais do homem em cada uma das épocas pelas quais tem atravessado a Terra Diz que o precursor mais mediato do homem não apareceu até a época terciaria, depois de haver atravessado em evolução incessante por toda a escala zoologica e em relação fatal do simples para o composto, vindo a ser o homem o producto do atomo.

Depois de uma hora de dissertação, o conferencista recomenda aos alunos que não fiquem presos aos dogmatismos, pois do conhecimento de todas as teorias é que a verdade resplandece, como resultante da analise previa e comparada.

Os alunos e o publico que assistiram á conferencia, escutaram com atenção e agrado as explicações feitas pelo professor, saindo satisfeitos daquele ambiente são de amor ao estudo. — **M. M.**

Livros de propaganda

Um companheiro que se encontra desempregado e sem recursos deseja vender os livros de propaganda de que dispõe. São os seguintes:

«La Conquista del Pan», de Pedro Kropotkine; «Las Prisiones», do mesmo autor; «Campos, fabricas e talleres», de Eliseu Reclus; «Mi viage al redor del mundo», 2 tomos, de Darwin; «El origem del hombre», do mesmo autor; «La verdadera vida»; «Psicologia de militar profisional», de Hamon; «El compadre Mateo»; «La religion al ancance de todos», de Ibarreta; «Espejo moral de los clericos»; «Puntos Negros»; «Evolucion super-organica» e diversos outros.

Todos estes livros estão cuidadosamente encadernados e em perfeito estado de conservação.

Quem os desejar adquirir, todos por junto ou separadamente, dirija-se á rua Carneiro Leão, 62 (Braz) ou á nossa redacção.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Tendo a Liga Anti-clerical recebido de Roma, da Associação Giordano Bruno, uma carta abaixo acompanhando uma circular em que pede á Liga como associação federada á Internacional do Livre Pensamento a sua solidariedade no protesto que vai enviar aos nossos amigos da Belgica e da França, votou em assembleia geral realizada no dia 14 do corrente mez de janeiro a seguinte moção:

«A Liga Anti-clerical

Atendendo ao apêlo que lhe acaba de fazer a Associação Nacional Giordano Bruno, junta o seu protesto ao desta grande agremiação contra os actos vergonhosos e do mais atroz e reprovavel vandalismo praticados pela Alemanha nos paizes ora por ela invadidos.

Quizera não estender a sua indignação a toda a nação teutonica, porêm não é isto possivel desde que até hoje, que se saiba, ainda não se manifestou naquele povo o menor movimento de repulsa, nada foi ainda observado que leve a crer que ele reprova as atrocidades cometidas por ordem dos seus chefes militares contra o pequeno povo belga e as populações do norte da França.

A nossa dor é tanto maior quanto estes actos podem dar logar a represalias dos que assim são tratados.

A Liga faz ardentes votos para que a parte sã de todos os povos, num supremo esforço, possa um dia se desembaraçar definitivamente do flagelo do militarismo e termine enfim a obra da Grande Revolução franceza, sustada ocasionalmente pelo militarismo napoleonico, e que acabe para sempre com as causas que dão origem ás guerras, implantando o regimen definitivo da fraternidade universal.»

A "Lanterna" em Xiririca

De como as palavras de um protestante servem para fazer propaganda catolica — O dualismo do ex-presidente Taft

Os clericais de batina e de casaca não perdem ocasião para fazer crêr aos ingenuos que só a Igreja Catolica possue a verdade, que só no seio da Igreja se pode encontrar a felicidade eterna, pois ela a promete até depois da morte, coisa que não pode garantir.

Ao pobre, diz-lhe que deve ser obediente e sofrer com paciencia, para poder gozar no reino do céu. Enquanto ao rico, ela une-se a ele, desde o momento que lhe abra a sua bolsa, e fa-lo santo, ainda que tenha cometido as maiores abominações.

Em geral, cacique e padre andam bem unidos, sobretudo nas cidades do sertão. Quando o padre não pode catequizar um hereje, apela para a influencia do cacique e, como este tem interesses economicos e politicos identicos aos do padre, põe-se em campo para submeter ou chamar ao seio da igreja o rebelde, que é um perigo para o rebanho submisso.

Apreciem os leitores a circular, porque é mesmo uma circular que eles remetem aos herejes para os convencer e cujos comentarios, feitos pela pessoa que no-la remeteu, vão mais abaixo publicados.

Ei-la:

"J. M. J. G. — A Igreja Romana é a Igreja mais directa e legitima de Cristo, e os seus padres são os verdadeiros missionarios do Cristianismo. A Igreja Catolica é, não só a soberana educadora do homem, mas o seu o restante sustentaculo, o seu anjo da guarda.

Ela está conosco em nosso nascimento, guia nossos primeiros anos; e quem pratica esta religião tem o meio de resolver as dificuldades, ás vezes insuperaveis, da existencia, sem recorrer a conselheiros inexperientes.

Esse meio é a confissão aos pés dum sacerdote, *que renunciou a todas as aspirações e interesses mundanos*, e que tem toda a experiencia psicologica e pratica para ter aberto a cada instante, como uma fonte de luz para as almas, o seu gabinete sagrado de consulta.

ADORAÇÃO

Ao mestre Guerra Junqueiro

Adoro-te, poeta genial,
Divina emanação do onipotente!
Teu estro é muito mais aurifulgente
Que o espelho duma aurora boreal.

Eu vejo nessa fronte scintilar
O clarão duma estrela, e reverbéra,
Como um beijo de Deus, no azul a brilhar,
E como o sol na lucilante esféra.

As estrofes tão belas, tão formosas
Teem doçuras de labios de donzelas,
Teem o aroma vernal das brancas rosas
E o brilho faiscante das estrelas,

São tecidas nas petalas das boninas
E nos beijos de luz das madrugadas,
Tuas rimas, constelações divinas,
Per'las d'amor de beijos engastados.

Tenho no coração emolduradas
Essas perolas do sonho e da Ideia.
Teus versos são as minhas alvoradas,
Teu nome é para mim uma epopeia.

E' mais melodiosa a tua lira
Do que todas as notas de Mozart,
Foi feita de dois beijos de safira,
Por um arcanjo, em noite de luar.

Albino Bastos.

Está sempre ali para conciliar as familias, para evitar imprudencias ás mulheres e ás jovens, para fazer voltar o filho prodigo, abrandar a ira do pai, e retificar as ideias falsas que originam as desordens sociais, politicas e economicas."

São palavras de Taft, ex-Presidente dos Estados Unidos e que é protestante!"

«A titulo de curiosidade, junto a esta meia folha de papel com uns dizeres, que tem sido distribuido nesta cidade a alguns anti-clericais, por pessoa que, servindo-se do anonimato, oculta seu nome, aliás bem conhecido.

Para que os leitores da *Lanterna* possam fazer os seus comentarios, faz-se mister declarar que, em virtude de pertencermos a um lugar bastante atrasado, onde a instrucção é completamente nula, visto não termos escolas nem professores, não é de admirar que o fanatismo e a superstição tenham estabelecido aqui um reduto que conseguiria tornar-se em praça forte, se para ele não tivessemos constantemente voltadas as metralhadoras do livre-pensamento com as pontarias sempre firmes e dirigidas para os baluartes da intolerancia clerico-romana.

De facto, ninguem ousará negar que, muito embora convivamos num meio atrasadissimo, já se nota grande indiferença pela religião Catolica Romana e pelos seus ensinamentos incoerentes e absurdos, contrarios á moral e ao bom senso. Esse facto vem provar de algum modo e da maneira mais categorica, que já se pode separar o joio do trigo e que as trevas em que estamos envolvidos não possuem a densidade calculada pela Igreja, porque a religião como os pirilampos precisa da noite para aparecer. Este sintoma bem caracteristico significa que, apesar de tudo, ha pessoas entre nós cujo raio visual atinge maior distancia, ou, podemos dizer, que essas pessoas já deduzem, assimilam e comparam, e, do conjunto escrupulosamente reunido, chegam á conclusão, retirando a mentira em toda sua nudez, essa mentira descarada dos pulpitos e confessionarios, da qual os padres lançam mão para ludibriar os ignorantes e passar a vida regalada e ociosa que constitue o apanagio desses refinadissimos velhacos e malandros que infestam o nosso paiz.

Enquanto a velha Europa nos dá o exemplo edificante, expulsando de seu territorio o bando negro de parasitas sociais, o governo brasileiro franqueia os seus portos a esses bandidos de profissão, cujo passaporte é a veste negra, mas negra como as suas consciencias. Sem nenhuma qualidade que os recomende á opinião publica, sem nenhum titulo que os habilite a não ser um zero no alto da cabeça, vão se apoderando de todas as paroquias do interior do Brasil, onde procuram amordaçar a liberdade de consciencia, o direito mais sagrado do homem.

E quando encontram tenaz resistencia e forte reacção por parte daqueles que de fronte erguida dizem bem alto: Sou anti-clerical, sou livre-pensador! vão buscar com a velhacada precisa, a intervenção de pessoa altamente colocada para que os anti-clericais deixem os seus ideais de liberdade e justiça e se submetam ao jugo dos exploradores da humanidade. Foi por esse modo, que recebemos o papel a que nos referimos e juntamos a esta, contendo uma opinião do general Taft, ex-presidente dos Estados Unidos em relação á Igreja Catolica.

Em todo caso as palavras do grande americano, que nos foram enviados por meio do anonimato, serviu para recordarmos o osculo de Judas e ficarmos sabendo que na patria de Washington o individuo professa uma doutrina dualista: é catolico e protestante ao mesmo tempo... de acordo com as conveniencias.»

A degenerescencia dos testas coroadas

III

Nos Braganças, a avariose apressou a marcha da degenerescencia

A sifilis vem apressar a marcha da degenerescencia na estirpe de Bragança, D. João V, imbecil sumptuoso, prognata, heredo-sifilitico, psicopata sexual, tem uma hemorragia cerebral, seguida de eplepsia jacksoniana; dois irmãos são nado-mortos; os outros, inuteis, vazios, apagados, sofrem todos, diz o marquez de Pombal num curioso manuscrito ainda inedito, de largas e persistentes ulceras nas pernas. Um novo cruzamento com os Habsburgos, acentúa na estirpe os stigmas da casa d'Austria: D. José, outro imbecil, plagiocefalo, exoftalmico, hipertrofiado do labio interior, facies adenoide, morre de paralizia labio-glosso-laringea; uma irmã, D. Maria, depois rainha de Espanha, obesa, enorme, esteril, enlouquece depois de ter amores com o cantor Farinelli. A fama da degenerescencia da familia rial portuguesa espalha-se por toda a Europa.

O duque d'Orléans, encarregado de arranjar uma noiva para o rei de França, diz no seu relatorio: "la princesse de Portugal parait peu propre à remplir cette vue, puis que la mauvaise santé qui est repandue dans sa famille et qui a souvent produit des esprits egarés, donne un juste sujeit d'apprehender qu'elle n'ait pas d'enfants..." A loucura de D. Maria I, a profunda miseria fisica e moral de D. João VI, são consequencias naturais e logicas. Cruzamentos recentes com as estirpes de Saxe Coburgo Gotha e de Saboia esboçam uma regenerescencia fugitiva, que não chega a acentuar-se e a fixar-se. A familia dinastica de Bragança foi, como a familia dinastica de Aviz, como, em geral, todas as raças riais, um cortiço de degenerados.

Dos factos e das considerações apresentadas conclue-se, como consequencia inevitavel, a condenação das monarquias dinasticas, repousando sobre o direito hereditario, instituido em direito divino. Conclue-se, tambem, a necessidade de orientar num sentido diferente o estudo da historia, fazendo intervir nesse estudo o seu factor essencial — o homem. O historiador diz-nos apenas, na solenidade hieratica dos seus juizos, se a resultante dos actos conscientes ou inconscientes dos reis é politicamente louvavel ou politicamente condenavel; mas não nos diz o porque, a essencia desses actos. E' preciso saber a que figuras da historia podemos atribuir responsabilidades. Serão todas elas responsaveis? Não. Os seus crimes foram o produto de um determinismo inflexivel, a expressão da sua propria degenerescencia — são como na tragedia grega, obras da fatalidade. Nas rialezas barbaras, e, mais ainda, nas rialezas romanas, que criaram o tipo do Estado centralizado, os infinitamente pequenos da patologia individual, explicam e determinam os infinitamente grandes das catastrofes politicas. Que foi Tanger, senão a neurastenia de D. Duarte? Que foi Alcacer Kibir, senão a epilepsia de D. Sebastião? Que foi a Inquisição, senão a imbecilidade de D. João III? Póde a justiça incorruptivel da historia atribuir responsabilidades a um neurastenico, a um epileptico, a um imbecil? A interferencia necessaria do criterio medico na filosofia da historia leva-nos a esta dupla conclusão: a condenação da rialeza e a irresponsabilidade dos reis.

Aos nossos assinantes

Da Mogiana

comunicamos que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Serão percorridas em primeiro lugar as localidades seguintes da linha Mogiana, depois de ter estado em Campinas e Arraial dos Souzas:

Amparo, Serra Negra, Socorro, Mogi-Mirim, Itapira, Espirito Santo do Pinhal, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Casa Branca, etc.

Igual participação fazemos aos nossos amigos residentes nas localidades servidas pelas linhas

Central e Rede Sul-Mineira

que serão percorridas pelo nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

O itinerario a que abedecerá o nosso companheiro terá inicio pelas seguintes localidades:

Mogi das Cruzes, Guararema, Jacarehi, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Cachoeira, Cruzeiro, Passa Quatro, Caxambú, Varginha, Barra do Pirahi, Parahiba do Sul, Entre Rios. entrando depois no Estado de Minas.

Que os nossos amigos e assinantes das zonas citadas facilitem o trabalho penoso dos nossos companheiros, contribuindo prontamente com a importancia de suas assinaturas — é o apelo que a todos dirigimos.

BIBLIA VERMELHA

A vida é movimento: vivemos na razão directa do nosso movimento interno e externo. Quem parar morre, a quem se fizer parar, mata-se; assim, o direito á vida implica o direito á liberdade, pois, só da liberdade e da potencia e direcção de nosso movimento, perante a Natureza, depende a nossa vida, visto que só vivemos em virtude da luta que com ela sustentamos — luta sem tregua nem descanço, pois, se nos cançamos, se deixamos de lutar um só momento, sucumbimos e somos anulados imediatamente. O Homem, a parte mais perfeita da Natureza, sustenta um duelo com ela, duelo de morte, já que, de domina-la vive. Por isso, a quem se tira a liberdade, a quem se tiram as condições de luta, a quem se fecha ou se priva das comunicações, tira se-lhe a vida, mata-se. Por isso é raciocinar que viver sem ela é vegetar. O escravo, o servo, o subdito ou o proletario que procura conquistar a sua emancipação, é o morto que se levanta para conquistar a vida.

P. Gener.

Um ano funesto para o clero

O seculo 19.º surgiu como uma vingança do passado. Nesse seculo de luz os papas viram cair por terra, sucessivamente, grande parte da obra colossal, apoiada na ignorancia, construida por seus antepassados.

As leis sociais e religiosas de Voltaire e de Montesquieu apontaram á humanidade uma éra nova, livre das superstições religiosas. Os sucessores de S. Pedro viram surgir, com assombro, o inimigo invencivel das religiões: — a Sciencia!

Não obstante os passos agigantados do progresso, ainda existem os crentes das lendas pueris de outrora; mas, esses crentes não passam de uma lembrança do passado escuro em que viveram nossos avoengos; são as ultimas sombras da noite que foge para deixar surgir o sol da verdade. Um dos anos mais anatematizados do seculo 19.º, pelo clero, é o de 1873. Muitos povos, até então oprimidos pelo clero ambicioso, libertaram-se das peias da ignorancia.

Pio IX, representante das trevas nesse ano, viu, com espanto, as lutas entre a verdade e a mentira, a razão e a superstição, a sciencia e a ignorancia.

Bem como outrora Baltazar no seu festim, viu que os dias do seu imperio estavam contados.

Nesse ano, no Mexico, o povo em massa se levanta contra essa barreira da civilização, que se chama o clero, e o congresso declara a separação da Igreja e do Estado.

O paiz, longo tempo oprimido pelo imperador carola Maximiliano e por Bazaine, enxota todos os jesuitas que, como era de esperar, não queriam se submeter ás novas leis.

A Guatemala tambem proclama a sua separação do Vaticano, tais foram os excessos que ali praticaram os subditos de Pio IX.

O Chile dá o seu primeiro passo na senda do progresso. Ninguem mais é obrigado nas universidades á aprender a infalibilidade.

Em fevereiro proclama-se a republica na Espanha, tendo como chefe Castelar. O papa, que não queria perder a sua principal fonte de exploração, instiga a d. Carlos de Bourbon a reclamar o trono. Este, leva a desordem á infeliz Espanha, pela guerra civil.

Sendo grande, infelizmente, o elemento clerical ali, torna a cair, no ano seguinte, nas garras do Vaticano, que até hoje ainda a suga.

Nesse mesmo ano perde Porto Rico. Foi uma perda irreparavel para a clericanalha, pois os negreiros aí abundavam, e com o seu comercio infame ganhavam o ouro necessario para encher os ventres obesos do Vaticano.

Na Alemanha e na Austria dão-se grandes movimentos contra os bispos que não respeitavam as leis do paiz. Os arcebispos Sedochowski e Eberhard são condenados á prisão e multas por desobediencia ás ordens legais.

Em outubro, o chefe dos velhos catolicos da Prussia, Reikens, presta juramento de obediencia ao imperador da Alemanha.

Na Austria era tão grande como na Alemanha a animosidade contra as pretenções papais, notando-se que Francisco José era catolico.

Na Suissa o bispo de Mermilos é desterrado por desobediencia ás leis do paiz. O governo ameaça o cantão de Volais por tolerar jesuitas como mestre-escolas.

O sacerdote de Orléans, em França, com profunda saudade do antigo regimen, ordena aos sacerdotes da diocese a orarem pela restauração da monarquia!

Em Roma o clero vê tambem a sua decadencia. O Governo toma posse de inumeros conventos e a camara dos deputados aprova a supressão das ordens religiosas.

No Brasil, afinal, surge o santissimo prelado da sé de Olinda, desrespeitando as leis

do paiz, sendo todas as suas injurias ás leis do Estado aprovadas pelo papa!

O governo imperial, como reconciliação, fez uma grande doação ao patrimonio de S. Pedro!

Incrivel! D. Pedro fornecia dinheiro para sustentar padres em Roma, para depois virem ao nosso paiz, prégar a desobediencia ás suas leis!

O patrimonio recebia do Brasil 600 contos, mais ou menos, por ano, quantia essa maior que a renda de muitas provincias, naquela época, como Sergipe, Espirito-Santo, Rio Grande do Norte, Mato-Grosso, etc.

O bispo de Pernambuco, felizmente, recebeu a pena merecida, sendo acusado na camara por Oliveira Martins.

Como vemos, pelo resumo acima, o clero sofreu em 1873 golpes bastante profundos no seu poderio.

Hoje, a Igreja chora, na sua agonia, as grandezas de outrora.

Quando a infeliz pretende dar um passo, para reconquistar os esplendores perdidos, surge na sua frente o fantasma que ela teme: — a Verdade!

A Verdade arremessa-la-á, num futuro não remoto, ao abismo do esquecimento.

Belo Horizonte — 1914.

Urucá.

"A VIDA"

A excelente publicação cujo titulo serve de epigrafe é uma revista que deve ser lida por todos os amantes de leituras sãs e instrutivas. Nela não se encontram escritos piegas ou banais, mas sim trabalhos de notavel valor, assinados por escritores de talento que abordam os mais profundos assuntos. Entre eles se destacam nomes consagrados no nosso meio intelectual, como José Oiticica, sociologo estudioso, poeta de real merecimento e critico competentissimo; Orlando Correia Lopes, vigoroso jornalista de combate e ardente tribuno; Fabio Luz, escritor de destaque, autor dos *Emancipados*, do *Ideologo* e de outros bons livros, sendo tambem um dos nossos melhores criticos; Astrogildo Pereira, ironista sarcastico, jornalista claro e sintetico. Ha ainda muitos nomes de dedicados moços estudiosos que lhe emprestam o seu valioso saber e que deixo de citar por julgar desnecessario, pois os acima citados são uma prova brilhante de quanto vale uma publicação que conta com os mais cultos homens das letras indiginas.

No genero é a melhor coisa que se tem publicado aqui. O seu trabalho material não deixa nada a desejar. Satisfaz a todas as pessoas de bom gosto. A capa traz uma expressiva gravura artistica que deve ter sido bastante apreciada.

A Vida não publica anuncios nem fotografias pagas: é uma revista de ideias e não de *cavações*, como a maior parte das que por aí aparecem. A sua leitura é indispensavel a todos os que se preocupam com o grande ideal de redenção humana. Os seus colaboradores tratam dele com profundo conhecimento e ao alcance da menos culta inteligencia.

Conhecedores do nosso acanhado meio revolucionario, não esperavamos por tão bela e util publicação. Excedeu mesmo á nossa espectativa. Felicitamos o seu activo e esforçado grupo editor, composto de um pequeno nucleo de jovens lutadores que sabem o que querem e para onde vão... — A. A.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio [illegible], rua 15 de Novembro, 51.

Consequencias do caso Idalina

A menina que fez o papel da orfã assassinada pelos padres na famosa mistificação, acaba de ser corrompida na casa do tutor que lhe deram os clericais e depois internada no famigerado Bom Pastor.



MARIA MADALENA

Folheando o nosso caderno de efemerides, lá encontramos o apontamento seguinte que, como os leitores verão, reclama a nossa atenção:

"13 de fevereiro de 1911 — Os padres do Orfanato Cristovam Colombo, de S. Paulo, auxiliados pela policia e por alguns jornais assalariados, tentam ludibriar a opinião publica exaltada apresentando lhe uma falsa Idalina em lugar da que foi assassinada, depois de estuprada, naquele estabelecimento."

Fazem já, portanto, precisamente quatro anos — e parece que foi ainda ontem!

Que de recordações palpitantes daqueles momentos de batalhar ancioso, de luta desesperada e vivificadora!

Recordemos.

A campanha contra o antro maldito atingira ao seu auge. Os padres do orfanato sinistro, apertados por todos os lados pelos nossos golpes certeiros e mortificantes, esperneavam doidamente, esmagados pelo peso das tremendas acusações com que os apontavamos como criminosos confesos escapos ás grades da prisão pela porta falsa da proteção da clericanalha da dominação.

No espirito publico não restava mais duvida alguma sobre a culpabilidade do padre Faustino Consoni e dos seus dignos asseclas de sexo vario, que eram por todo o povo ostensivamente e justamente apontados como desavergonhados criminosos. Todas as mentiras e embustes urdidos nos esconsos refugios clericais para os furtar á acção dos tribunais, tinham sido por nós inteiramente desfeitas. De nada lhes valera a benevolencia escandalosa dos juizes e a criminosa proteção da policia, assim como o apoio poderoso da grande imprensa mercenaria. Nós, numa luta flagrantemente desigual, os conservamos, apesar de tudo, na barra do tribunal inexoravel da opinião publica.

Onde está Idalina? — gritava-lhes toda a gente, em qualquer lugar que os encontrasse, marcando-os, nas caras deslavadas, com o estigma infamante de criminosos relapsos.

Sentiam se, pois, perdidos os padres do coio miserando da colina historica. Crescia no povo a indignação que ameaçava já manifestar-se em protestos colectivos.

Uma grande reunião publica foi anunciada para tratar do facto e teve realização com um sucesso estrondoso. Foi isso em 12 de fevereiro de 1911.

Estavam os criminosos tonsurados virtualmente condenados. A sua situação milindrosa reclamava, como se vê, uma acção decisiva que, por um golpe de audacia de que só são capazes os malditos caixeiros viajantes do Vaticano, os arrancasse de tão desesperadora posição.

Entretanto, enquanto toda a gente já os julgava vencidos e prestes a justar contas com as leis penais de que são extremosos defensores, os tetricos mensageiros da mentira e do crime religiosos preparavam no recesso lodoso dos seus covis o golpe audacioso com que iam tentar ferir de vez os seus imperdoaveis acusadores.

E, dois dias depois da grande reunião do Salão Celso Garcia, estourou em publico, com o efeito tremendo de uma bomba caida em meio de gente desprevenida, a clamorosa mistificação. Idalina de Oliveira, a desventurada orfã que todo o mundo julgava ter tão tragicamente desaparecido no Orfanato Cristovam Colombo, aparecera sã e forte numa casa da rua Direita.

Era ela, não restava a menor duvida. Assim o afirmaram as freiras do Orfanato, os padres todos que lá habitavam, os seus empregados, sem falar no padre Faustino, que, banhado em lagrimas, lá esteve, joelhos em terra e mãos erguidas ao céu, agradecendo a Deus o lhe ter devolvido, em tão oportuno momento, a orfã que as suas mãos puras e virgens não haviam tocado.

Era ela, a Idalina tão procurada, que o Deus dos padres lhes enviara, por intermedio do industrial clerico-carnavalesco José Rodrigues da Costa, para confundir os anticlericais.

Assim falaram os clericais, as autoridades e a imprensa, que entoou o nosso *de profundis*.

"Foi Deus quem m'a enviou" — esclamou o padre Faustino impando de contentamento. "Chegou a hora da vingança" — disse o dr. Pinheiro e Prado, o famoso Pinheirinho, antegozando a nossa prisão.

Estavamos suficientemente confundidos, afirmavam os nossos adversarios. Até mesmo alguns amigos chegaram a vascilar ante a encenação perfeita com que havia sido preparado o embuste. Para que a coisa fosse mais perfeita, chegaram a fotografar a menina em posição igual e com igual vestido ao que aparece retratado com a orfã desaparecida.

Até o seu reconhecimento legal havia sido feito pela policia.

Estavam, portanto, salvos os padres e nós irremediavelmente perdidos.

Mas nós que nos sentiamos fortemente abroquelados pela justiça da causa que sustentavamos, conservamo-nos na liça, que não haviamos abandonado, e enfrentamos todo o miseravel conluio jornalistico-clerico-policial que se formara para nos esmagar.

Foi uma luta desesperada, em que tivemos que fazer recuar todas as forças clericais fortemente apoiada pela imprensa prostituida, pela magistratura venal e pela policia.

E vencemos numa vitoria estrondosa, desmascarando os vis intrujões, provando, documentalmente, que os padres haviam praticado uma vergonhosissima mistificação apresentando uma menina pela infeliz Idalina por eles feita desaparecer num crime hediondo.

Provámos isso exuberantemente, desmoronando fragorosamente o castelo de cartas levantado pela clericanalha que nele pretendia abrigar a sua honorabilidade cancerosa.

Descoberto o seu truc, desmascarados, apanhados assim em flagrante embuste, os clericais encolheram-se, não sem, porêm, tratar de limitar os efeitos da sua farça criminosa, furtando a menina comediante ao convivio indiscreto do povo.

Maria Madalena foi então entregue pelo juiz competente e a pedido do sr. Juca Costa, famulo da gente do Orfanato, do qual a sua senhora é uma dedicada patrocinadora, a um sr. Domingos Carnovale, homem da intimidade do já mencionado sr. Juca Costa, de cujos auspicios recebia o halito protector...

Ficou, pois, este senhor como tutor do Maria Madalena, arrancada brutalmente da companhia de seus pobres pais, Maria Luiza Belloni e Joaquim Custodio Silvestre, julgados incompetentes para a criar.

E as coisas ficaram neste pé. Durante algum tempo, da escandalosa mistificação e da malfadada menina que lhe servira de protagonista se lembrava o publico desta capital quando pelas ruas ainda andavam a chorar a sua dor os desgraçados pais.

Depois de nada mais se soube. Vagamente, de quando em vez, se propalavam boatos sobre a situação de Maria Madalena, falando-se que era maltratada e que as lições de corrupção recebidas dos padres estavam dando os seus resultados fatais...

Agora, coincidindo com o aniversario da mistificação dos padres, vemo-la novamente aparecer em publico num outro facto escandaloso que vem confirmar os boatos propalados a respeito da sua situação desgraçada.

Iniciada na senda escorregadia da corrupção pela gente safada de batina e seus concomitantes apaniguados e protetores, não podia a pobre menina acabar de outra forma: deshonrada e depois atirada para um coio clerical, onde, se não souber defender-se, irá servir de pasto á padralhada bandalha e sifilitica.

Sim, Maria Madalena que foi roubada aos seus pais sob o pretexto da duvidosa força moral dos mesmos, acaba de ser deshonrada na casa do tutor que lhe foi dado pela clericanalha, a policia e o juiz!

Foi, ha dias, a policia avisada de que a menina tinha sido deflorada por um moço qualquer. Este, chamado á ordem, prontificou-se a casar-se com ela. A isso, porêm, se opoz a mãi do moço, alegando que a moça era já uma deshonesta, pois que com outros tivera relações. Efectivamente, apareceu um outro moço que confessou já ter tido relações com a menina, que, entretanto já havia sido deflorada pelo seu proprio tutor.

Interrogada, Maria Madalena, confessou que Domingos Carnovale a havia deflorada e que com ela praticara actos de pederastia.

Como reparação a tanta infamia e para abafar mais depressa o escandalo, a policia internou a menina no Instituto Bom Pastor, o famigerado covil clerical já bem conhecido dos nossos leitores.

E nisto acabará tudo.

O tal tutor não prestará conta dos seus actos de alta e religiosa proteção á sua tutelada simplesmente porque é protegido do sr. Costa e achegado da policia.

E aí temos mais uma bela demonstração de quanto contribuem os padres para a corrupção da familia, de que se blasonam fortes esteios.

Maria Magdalena é uma vitima infeliz da sua acção infame de devasidão social.

Não lhes bastou assassinar a pobre Idalina; corrompem agora a desgraçada menina com que a pretenderam substituir.

***

E o juiz que mandou retirar a pequena de seus pais e entrega-la á tutela de Domingos Carnovale Sobrinho, nem sequer se pronunciou sobre o caso!

***

Significativo o silencio da grande imprensa sobre este escandalo. Nem uma só linha deram os grandes diarios sobre ele.

Compreende-se. Não fossem os seus reporteres pensionistas do casarão do largo do Palacio...

A "LANTERNA" NO INTERIOR

EM BAURU'

Esteve entre nós o bom e jovial Abranches. Em seu semblante se destacava, porêm, a fisionomia de Telemaque. Talvez fosse a crise que lhe roubasse o seu habitual sorriso de pilherico. Depois de ter arrochado os assinantes da *Lanterna*, partiu em demanda de Penapolis, voltando no dia imediato, enfastiado e aborrecido do sertão.

***

Alguns irmãos da *ordem* não apreciaram o qualificativo de arvore que já deu fruto. Será talvez porque ainda está produzindo alguma coisa digna de mencionar, mas que desabona um tanto a sua ordem, embora aleguem que nada tem que vêr a *ordem* com os actos dos seus irmãos. Este modo de vêr é contrario ao bom senso; senão vejamos: Existe na Maçonaria uma disciplina geral observada sem aniquilar a liberdade individual. A sua missão é regularizar, moderar, prevenir, reparar e pôr termo a todos os conflitos e os desvios dos seus membros que a compõem. Este procedimento é indispensavel a todas as sociedades humanas que querem permanecer com vida. Em Baurú, porêm, alguns irmãos da ordem maçonica teem perseguido a Escola Moderna por todos os meios que lhes tem sido possivel. Esta escola iniciou as suas aulas na sala da loja e logo um dos seus membros, horrorizado pelo ensino racionalista, não descançou um momento enquanto não viu a escola no olho da rua. A Sociedade "Luz" arranjou a sala da Dante Alighieri, e como os irmãos da ordem se baralham tambem nesta sociedade, o sr. Marchioni propoz a desocupação da sala; o redactor do *Tempo* ameaçou mais tarde de atacar a escola pela imprensa (!).

E é a Maçonaria que nos devia favorecer na difusão da luz, da verdade e do bem! Que contraste tivemos das consciencias que nos perseguem!... Nós desejavamos saber em que parte do mundo, a não ser em Baurú, os maçons combatem o ensino racionalista.

Brevemente se construirá uma igreja na frente do grupo escolar e do jardim, e os maçons de Baurú, em lugar de se oporem, passarão diante do templo das trevas tirando o chapéu da cabeça por pensarem que Deus está ali e que é necessario tributar essa demonstração de respeito e de obediencia.

E nós, com um sorriso á voltairiana, gritaremos: são bananeiras que já deram cachos.

***

A Companhia Noroeste, alêm de ter reduzido ao minimo os ordenados dos empregados, tem atrazado os pagamentos, dificultando bastante o comercio da zona. Os operarios e empregados queixam-se do preço dos generos de primeira necessidade que o armazem da Companhia lhe debita em conta. Aí fica a reclamação para os que compete providenciar.

J. Jubert.

FOLHETIM DA LANTERNA (49)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XXI

Um "auto sacramental"

Esse genero, então em plena voga na Espanha, onde floresceu até meados do seculo XVIII, não demandava scenarios nem vestuario rico.

Achou-se logo o teatro; uma barraca vazia, antiga taberna, onde dois compridos bancos irmanados formaram o palco. Tolosán e López improvisaram-se directores, tendo Inez como estrela: estrela tanto mais brilhante quanto era certo ser a unica!

A primeira representação da *Tentação de Eva* foi um triunfo colossal: os maravedis e até os *reales* choviam na escarcela de López, que acumulando funções, era quem fazia o peditorio. O autor desfalecia de jubilo e orgulho. O que havia a fazer era continuar.

Tendo-se hospedado na estalagem da Cruz de Oiro, por trás do mosteiro de San Juan, Santafierno ergueu-se muito tarde no dia seguinte. Depois de ter almoçado um pouco de bacalhau e algumas azeitonas, por ser dia magro, havendo, porêm, esvaziado em compensação duas garrafas de vinho *rancio* (1), soube que ia realizar-se nas vizinhanças, num teatro recentemente fundado, uma representação das mais edificantes. Como Santafierno, fervoroso cristão, o que queria era edificar-se, informando-se ao mesmo tempo das novidades e contemplando as lindas moças que não deixariam de ir a tal espectaculo; dirigiu-se para aquele lado. A taboleta do teatro, que ele olhou distraidamente, mal sabendo ler, não evocou nele a recordação dos seus hospedes efemeros.

A sala, meio escura, iluminada por alguns magros lampiões, tinha já publico para metade da sua lotação. Na atmosfera sobreaquecida flutuava o cheiro acre de rebanho humano. Santafierno, empurrando com impertinencia de fidalgo os que ele encontrava no seu caminho, foi sentar-se num lugar donde desalojou sem cerimonias o ocupante: um rapazote que, ante um senhor com espada, não ousou protestar.

Não tardou a começar a representação. Como em todos os autos, abria-se por um prologo. López, que o compusera com grande cuidado, vinha recita-lo em scena, com a cabeça e o queixo afogado em ondas de estopa, que lhe davam um tosão de Padre Eterno.

— Respeitavel publico, declamou Lopez, muito solene em suas funções divinas; a peça que incomparaveis artistas vão ter a honra de representar diante de ti, e que foi composta por este teu criado, tem por fim abrir as almas ás verdades eternas da religião. (Murmurio de aprovação dos espectadores). *Vita est brevis*, "a vida é curta", como dizia em latim Aristoteles, e por mais que pensemos na eternidade, nunca será demais. Este espectaculo, tão superior em arte e moralidade aos dramas profanos de Esopo, Plutarco, Virgilio, Horacio, Séneca e outros ilustres gregos ou latinos, como o sol é superior em brilho á palida lua, deleitará a vossa alma e satisfará o vosso coração. Nele vereis...

— Cornos de Belzebú! interrompeu Santafierno, onde diabo ouvi eu aquela voz?

— Caluda! gritaram alguns rabugentos.

Com as costas da mão, o cavaleiro aplicou uma formidavel bofetada na cara dum dos que tinham reclamado silencio. O ruido do bofetão ecoou na sala e impôs aos outros descontentes um espanto mesclado de receio.

— ... Meus irmãos, continuou vivamente López, inquieto a respeito do exito da peça, que podia ser comprometido por uma rixa, rogo-vos que mantenhais a calma que convem a bons cristãos, chamados a ver desenrolarem-se ante seus olhos os misterios sublimes da génese. Génese, que deu o seu nome a uma cidade italiana, é uma palavra latina que quer dizer "criação". Vereis, pois, a principio a criação do mundo por Deus: sou eu que sou Deus...

Tendo esta afirmação presunçosa suscitado um riso zombeteiro, López, homem prudente, que temia a Inquisição apressou-se a corrigir a frase:

— Sou eu que, sendo embora mui indigno pecador (bateu no peito), tenho a honra insigne de representar diante de vós o nosso Pai Celeste, criador e soberano senhor de todas as coisas. Depois vereis Satanás em forma de serpente, a qual forma, como sabeis, lhe é habitual... Aproxima-te, serpente, e vem cumprimentar o respeitavel publico.

Uma coberta suja e rôta, estendida por trás dos bancos como pano de fundo, foi afastada para dar passagem a um ser bizarro: um corpo cilindrico com o comprimento de seis pés, coberto de pano pintado de verde, terminando numa ponta por uma enorme cabeça de dragão e na outra por uma cauda que varria o solo. Esta criatura, cuja boca aberta deixava entrever no interior uma cabeça de criança, avançou com movimentos estranhos, caminhando com as mãos e a ponta dos pés o pequeno artista que ali estava alojado.

Estalaram risadas, misturadas com aplausos, mas aquilo não era tudo.

— Vereis tambem, continuou López triunfante, os nossos primeiros pais Adão e Eva vestidos apenas com a sua inocencia. Aproximai-vos, Adão e Eva!

Atastou-se de novo a mesma coberta suja e rôta, deixando desta vez passar Tolosán y Inez.

Felizmente — ou infelizmente, segundo o ponto de vista em que a gente se coloque — os recemvindos estavam um pouco mais vestidos do que o deixara supor o apresentante. Avançavam em suas vestes habituais: o primeiro de gibão e bragas e com o seu vestido a segunda. A sua nudez era só no sentido figurado. *(Continúa)*.

(1) Vinho seco velho.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricomia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livro Pensador"	$800
Marco A. Pancete, "Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me tangere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno"	2$000
Pedro Kropótkine, " O comunisco anarquico"	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas" (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
" " "O Teatro na Escola"	$400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia"	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, " La historia de Federico "	$400
Um laico, " La politica eclesiastica in Italia "	$300
Giovanni de Nava, " Delinquenza e misticiomo "	$200
P. Guarino, " Sole a scacchi "	$400
Luigi Campolonghi, " Azione sindacale "	$300
G. Stiavelli, " Il Primo Maggio nella letteratura "	$400
G. D'Amato, " Ai ragazzi felice "	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo "	$200
Francesco Pucci, " Il dovere de organizzarci "	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito "	$200
Maximo Gorki, « Interviste "	$600
" " " Il compagno "	$200
Eliseu Reclus, " I podrotti dell'industria "	$200
" " " I prodotti della terra "	$200
Leda Rafanelli, " Alle madre italiane "	$200
Paul Lafarga, " Il diritto all'ozie "	$200
Dott. G. C. C., " Guerra all'alcool "	$200
G. Pozzi, " Favole ed apologhi socialista "	$200
Oreste Ristori, " Polemiche sull'Anarchia "	$300
" " " Operai non bevete! "	$100
Pietro Kropótkine, " L'agricultura »	$200
E. De Amices, " Il socialismo e l'egualianza "	$100
" " " Consigli e moniti "	$100
E. Vondervelde, " Le cittá Piovre "	$300
Costa Andrea, " Un sogno "	$100
" " " Il socialismo "	$100
C. Monticelli, " Il primo giorno del socialismo "	$300
" " " Lo sciopero "	$100
E. Ciacchi, " Ai contadini "	$100
" " " Le nostre leghe "	$100
Dott. Biel, " Il socialismo per tutti "	$100
O. G. Viani, " Abbecedario dell'economia sociale "	$200
G. Renard, " Agli studente "	$100
Leopoldo de Fazio, " Canzone vegetale "	$300
A. Valente, " Conferenze socialiste "	$300
G. Paoloni, " Primo Maggio "	$100
B. Carlantonio, " Le istituzione e la morele "	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare " (discorsi)	$300
" " " Per la riduzione delle spese militari "	$300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, " Gesù Cristo non è mai esistito "	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical Nele se descrevem com perfeição as alucinações histericas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 "	6$000
100 "	10$000

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 "	6$000
100 "	10$000

Os pedidos devem vir acompanhado das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livre do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 " "	42$000
100 " "	15$000
50 " "	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

NO PAIZ DOS FRADES
DE JOSE' RIZAL
UM VOLUME DE 134 PAGINAS $600

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LA BATAILLE SYNDICALISTE
10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure Madalena Vernet, Griffuelhes, Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 "
3 mezes	9 "